

Bancos restringem crédito e aumentam as taxas de risco

Consuelo Dieguez

Os bancos estrangeiros credores do Brasil começaram a reagir à manutenção da moratória da dívida externa pelo governo Collor. A primeira retaliação é a drástica redução de prazos na renovação das linhas de crédito de curto prazo que financiam as exportações brasileiras e o aumento das taxas de risco (spread) cobradas por estes empréstimos. Também as linhas de curto prazo interbancárias (depósitos de bancos estrangeiros em bancos brasileiros que operam no exterior) enfrentam as mesmas restrições. Segundo o diretor da área externa do Banco Central, Antônio Cláudio Sochaczewski, os prazos de financiamento das linhas comerciais caíram de um ano para dois ou três meses, enquanto o aumento nas taxas de spread varia de acordo com cada contrato.

A iniciativa dos bancos credores demonstra que a comunidade financeira internacional não está aceitando passivamente a decisão do governo de manter a moratória branca da dívida externa iniciada em julho do ano passado, ainda no governo Sarney, quando o Banco Central interrompeu os pagamentos dos juros devidos aos credores privados. Apesar dos prejuízos sofridos pelos 14 bancos brasileiros que operam no exterior com a elevação dos custos destas linhas, principalmente as interbancárias, o diretor do Banco Central garante que o governo não cederá às pressões dos bancos para iniciar logo a renegociação da dívida.

Sochaczewski argumenta que a manutenção das linhas de crédito de curto prazo comerciais é de interesse dos próprios bancos credores, na medida em que são operações comerciais com todas as garantias de retorno dos financiamentos. Além disso, observa ele, em nenhum momento o Brasil suspendeu os pagamentos de juros destes créditos. Por esta razão, o diretor do Banco Central acredita que a redução dos prazos de financiamento e a elevação do spread destas linhas "não passam de um jogo de pressão dos credores para forçar o fim da moratória brasileira".

A possibilidade de um endurecimento ainda maior dos bancos credores nas relações com o Brasil, com a redução do volume de dinheiro envolvido, nestas linhas de curto prazo, não atemoriza Sochaczewski. Ele informa que apesar de um número significativo de bancos estar ameaçando diminuir estas linhas, outras instituições financeiras internacionais, em contrapartida, estão interessadas em manter este tipo de operação com os bancos brasileiros. O que afasta, segundo o diretor, o risco de as agências brasileiras ficarem a descoberto no exterior. "Muitos bancos estrangeiros estão ligando para o Banco Central oferecendo linhas de crédito de até US\$ 100 milhões", revela.

Apesar do tom otimista do governo brasileiro, os dados sobre o comportamento das linhas de crédito de curto prazo revelam a insegurança da comunidade financeira internacional em relação ao Brasil. As linhas comerciais vêm se mantendo no nível histórico de US\$ 11 bilhões, mas as linhas interbancárias — financiamentos diretos de bancos estrangeiros aos bancos brasileiros — vêm se reduzindo desde o início da crise externa.